

*Meu caro Governador e amigo Zeca do PT – e, agora, mais ainda, com esse caburé; Senhores Ministros, Senadores, Deputados; Senhora Prefeita; nosso caro Roberto; Senhores representantes de várias instituições; enfim, produtores e povo aqui, desta nossa região tão querida do Pantanal e de Mato Grosso do Sul,*

O Governador Zeca é, realmente, uma pessoa que tem um jeito extraordinário de ser, um ser humano que dá gosto estar com ele porque sempre tem uma imagem que vai buscar na sua memória, sempre tem um pouquinho de literatura, sempre tem uma – eu tentei guardar, mas é impossível, é muito longo. Você vai me dar por escrito, depois. Senão o caburé não vai servir muito. Você tem essa capacidade extraordinária de, realmente, expressar com sinceridade e com simplicidade aquilo que nós todos sentimos. Nós somos brasileiros. Somos pantaneiros. Somos amigos do Mato Grosso do Sul e, aqui, é isso que nos une.

Eu queria lhes dizer que esta é uma razão adicional pela qual estou aqui pela oitava vez. Tenho muitos amigos daqui, Ministros daqui. O Ministro Ramez Tebet – porque fiz questão de dar o primeiro Ministro

de Mato Grosso do Sul – está aqui, conosco. Não é a primeira vez que venho ao Pantanal. Já vim muitas vezes. Nem mesmo na Estância Cai-man é a primeira vez. Já estive aqui, ao lado, na residência do Doutor Armando.

Mas a razão, desta vez, é muito expressiva, muito específica e muito expressiva. Nós estamos, como já foi dito aqui, em um momento que vai permitir que esta região se reinsira de uma maneira melhor no conjunto do esforço brasileiro de exportação. Mais do que isso, e que é inseparável desse esforço de exportação: dando um exemplo a todos nós brasileiros e ao mundo de que é possível preservar o meio ambiente, criar desenvolvimento econômico, respeitar a natureza, fazer com que as pessoas tenham consciência ecológica e que tudo isso não seja só propaganda, que seja verdade. É o que estamos fazendo aqui, neste momento aqui, em Mato Grosso do Sul.

Não sei se todos aqui sabem, mas essa idéia de ter marcação de origem é uma idéia portuguesa. Quem inventou a origem dos vinhos foi o Marquês de Pombal. Não foi a França sequer. Os franceses copiaram, porque o vinho do Porto ficava perto. Naquele momento, havia muito comércio entre a região de Bordeaux e a região do Porto. Depois, fizeram o que eles chamam lá de *appellation contrôlée*. Mas a idéia da demarcação foi portuguesa, por causa do vinho do Porto, e era para chamar a atenção para uma marca e para a origem dessa marca.

É o que estamos fazendo aqui. Séculos depois, estamos criando a marca do novilho pantaneiro. Isso é muito importante porque dá uma marca de origem e vai garantir que tem qualidade. Hoje, o mundo luta por qualidade. A quantidade é importante, mas sem qualidade não adianta nada. Aqui, de Mato Grosso do Sul, desta região, vamos, primeiro, comer – nós próprios, espero que já, já –, mas, depois, vamos também exportar para o mundo uma carne que tem qualidade e que é uma carne verde, ou seja, o animal é criado no pasto. Não existem instrumentos de ordem não-natural na engorda. Não existe nada que perturbe a relação do animal com a natureza. Neste momento, é isso que o mundo inteiro deseja.

Eu dizia ao Embaixador da Alemanha, que nos faz a honra de estar aqui presente, que meu filho esteve, recentemente, em Bonn, nessa reunião que houve lá sobre o Protocolo de Kioto. Ontem, ele chegou a Brasília e me disse que ficou agradavelmente surpreendido porque na Alemanha, em muitos restaurantes, no cardápio, dizia assim: *brazilian's beef*, carne do Brasil. É marca. Começa a haver uma marca, porque nós já cansamos, como tem dito o Ministro Pratini de Moraes, de ver no mundo o café brasileiro com a marca de outros países, principalmente da Colômbia.

Temos que ter o “novilho pantaneiro”. Isso vai ser, realmente, uma marca importante para que mostremos que temos cuidado com a natureza, que não há perigo nenhum nas criações dessas vacas, que não são as vacas que ficaram loucas. Acho que outros ficaram loucos e enlouqueceram as vacas. Era só criar pastos que não haveria esse risco de vaca louca. Vamos mostrar que nós aqui temos juízo.

Recentemente, há dias, estive aqui conosco o Primeiro-Ministro da Inglaterra, Tony Blair, que disse uma coisa que é importante e que talvez outro primeiro-ministro não pudesse dizer. E foi o seguinte: está na hora de a Europa parar de dar subsídio, está na hora de mudar a política agrícola comum. Isso, dito por primeiro-ministro de um país como a Inglaterra, tem um efeito extraordinário.

Eu vou receber, em poucas semanas, o Primeiro-Ministro da Alemanha, Gerhard Schroeder. Tenho certeza de que a Alemanha também tem uma visão mais ampla desse processo. Chegou o momento em que nós precisamos ter acesso aos mercados. Há uma espécie de hipocrisia no mundo, de todos pedirem o fim do protecionismo, menos naquelas áreas que são importantes para os países que não são os desenvolvidos. Não dá mais. Precisamos ter, realmente, uma visão de mais comércio, mas precisamos ter uma visão que implique que esse comércio seja amplo, e essa amplitude implica agricultura e pecuária.

E não por acaso, eu prometi, na reunião que fui da ABCZ, na inauguração da feira do zebu, que nós iríamos alterar o nome do Ministério da Agricultura. Estamos cumprindo isso agora aqui, vamos chamar

também Ministério da Pecuária, porque não é Ministério da Agricultura, é Ministério da Agricultura e Pecuária.

Este ano nós vamos, na balança comercial brasileira, na balança agrícola, ter um bom saldo, ou seja, vamos exportar mais do que importamos. Isso é fundamental para nós, por causa da famosa vulnerabilidade externa, para nós não dependermos tanto dessa variação do ciclo de financiamento. A pecuária e a agricultura vão continuar a ser, por muito tempo, base para isso.

É preciso, portanto, que os países que são capazes de importar, porque têm recursos, e que não são competitivos, que abram seus mercados para que nós possamos exportar, assim como nós, obviamente, faremos a abertura dos nossos mercados naquilo que será conveniente para os dois lados. Mas é conveniente, hoje, para os países europeus, abrir mercados, porque não há mais condições de competição.

Repetindo ainda o episódio com o Primeiro-Ministro Tony Blair, numa certa altura, falamos do que está acontecendo na Europa, no que diz respeito ao gado, ao problema da aftosa. Ele me disse: mas lá não podemos vacinar porque são as ovelhas que transmitem o mal da vaca louca, e são muitas ovelhas. Mas como muitas ovelhas? Você sabe quantas cabeças de gado nós temos no Brasil? Fui modesto, disse: nós temos 150 milhões de cabeças de gado. São mais. Mas fico com medo de dizer tanto número assim, sem estar com o papel na mão. São 150 milhões de cabeças de gado, e nós vacinamos. Algumas áreas são livres da aftosa e, quando não são livres da aftosa, nós vacinamos. Isso foi para mostrar o tamanho do Brasil em matéria agrícola e pecuária.

Hoje, temos capacidade de utilização de técnicas modernas, temos cuidado com a saúde, somos capazes de acompanhar o animal. Vejam esses animais aqui. São “brincados”. Têm brinco. Aqui no Pantanal, estão registrados. Sabe-se todo o percurso sanitário desse animal. Nós temos tudo isso hoje, com essa quantidade que somos capazes de produzir. Com essa qualidade que nós estamos acrescentando, não há dúvida nenhuma de que é básico fazermos esse esforço de ganhar os grandes mercados através da qualidade. E aqui neste local, está lá: Instituto do Parque do Pantanal. E nós ouvimos a expressão do diretor.

Nós vimos o Governador Zeca mostrando como ele trabalhou com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Nós temos técnicos competentes. Nós temos a Embrapa, cujo presidente aqui está.

Por todas essas razões, nós não temos porque temer, ainda mais que nós temos símbolos, como o Almir Sater, que é outra marca que ajuda o avanço de toda esta região.

Então, Senhor Governador, Senhores Ministros, Senhores aqui presentes, hoje, aqui, mais uma vez em Mato Grosso do Sul, aqui no Pantanal, nós estamos correspondendo ao anseio nacional e a uma necessidade internacional. O anseio nacional é de termos maior produção, renda maior para os nossos agricultores, capacidade de gerar mais emprego. A necessidade internacional é que nós vamos precisar continuar abastecendo aqueles que, pelo seu próprio desenvolvimento, perderam condição de competitividade. E cuja competitividade postíça hoje custa aos cofres desse país uma massa de recursos enormes, que poderia ser utilizada de uma maneira mais produtiva para eles próprios. Há, portanto, aqui, um encontro de interesses e um encontro de vontades.

Queria terminar – porque estou ansioso para provar o novilho pantaneiro, a vitela – dizendo que, apesar das restrições feitas pelo Governador de Mato Grosso do Sul, na sua amizade tão grande, quero que tenha muita sorte até o fim do ano, menos num aspecto da vida: eu posso continuar namorando a Ruth. Além disso, tomei aqui caldo de piranha. Estamos vivendo um grande momento, realmente. É o momento em que nós podemos nos abraçar, conversar sobre assuntos muito importantes, mantendo o que é também importante: a fraternidade, o humor e o amor.

Muito obrigado.